

trpartida, suas perspectivas de desfrutar dessa felicidade por um tempo apreciável eram bem menores. O homem civilizado trocou muitas de suas oportunidades de felicidade por uma parcela de segurança.”¹²

Portanto, nossos valores espirituais são um compromisso prudente e conveniente. Não há como nos comprometermos com eles. Eles não são o material de que somos feitos, mas, antes, o vestuário (bastante desconfortável) com o qual cobrimos nossa verdadeira natureza. Sua retirada solta a fera dentro de nós e destrói nossa civilização; seu uso nos sufoca e distorce.

A ênfase existencialista no compromisso, a que muitos psicanalistas atribuem a ampliação do escopo de seu trabalho e sua mudança de ênfase, padece de defeitos muito semelhantes, embora expressos de forma diferente.

Tanto para Sartre como para Heidegger em sua fase inicial (*O Ser e o Tempo*), a distância intransponível entre o ser e os outros dá ao compromisso interpessoal uma qualidade arbitrária e ego-cêntrica. Comprometo-me porque *eu* decidi assim, não porque o outro, que é apenas um espelho que reflete narcisisticamente minha existência, possa estar de qualquer modo solicitando tal compromisso. Sou *eu*, minha escolha, o que empresta significado e valor ao compromisso, e *eu* que me benefico por estar assim exercitando minha liberdade.

A natureza do “eu” dos existencialistas empresta ainda uma qualidade caprichosa e arbitrária à sua visão de compromisso, ou escolha, especialmente quando diz respeito a compromisso com valores espirituais ou com a natureza.

Para Sartre, como para Freud, não há como se pensar num compromisso com o natural dentro de nós — não porque essa natureza seja brutal e egoísta de forma a minar as melhores intenções do próprio ser, mas porque sua própria existência é uma ilusão e uma desculpa. Os psicanalistas existencialistas querem distância de idéias como “natureza humana”, predisposições hereditárias ou caráter¹³ — é o famoso “a existência precede a essência” de Sartre.

“Se a existência realmente precede a essência”, diz ele, “não há como livrar-se do problema, explicando as coisas através de uma natureza humana determinada ou fixa. Em outras palavras, não há determinismo, o homem é livre, o homem é liberdade. Por outro lado, se Deus não existe, não encontramos valores nem mandamentos aos quais recorrer para legitimar nossa conduta. Assim, na brilhante esfera dos valores, não temos desculpas para o que está antes nem justificativas para o que está adiante. Estamos sós, sem mais desculpas.”¹⁴

“Eu” não sou nada além de minhas escolhas, de minha capacidade plenamente necessária de fazer escolhas e criar valores, mas as escolhas exatas em si são desnecessárias ou mesmo sem fundamento. Não há *razão* para elas, nenhum imperativo moral ou natural subjacente dizendo que devem ser de um tipo ou de outro. Assim, posso escolher o compromisso com alguém ou com um determinado conjunto de valores hoje, mas, exatamente da mesma forma, poderei escolher algum outro amanhã. Defino-me à medida que vou indo, e nada, nunca, precisa ser fixo. Não tenho passado. A negação do passado é uma tendência da cultura moderna que Sartre, em parte, apenas reflete, e que em parte foi incentivada por seu tipo de existencialismo. É uma negação que está no fundo daquela perda de interesse pelo futuro que o narcisista sente.

“O narcisista não tem nenhum interesse no futuro”, argumenta Christopher Lasch, “pois, em parte, ele tem muito pouco interesse no passado.” Privado do vasto armazém psicológico de experiências e memórias do passado, ele sofre de um “empobrecimento da psique e também de uma incapacidade de fundamentar [suas] necessidades na experiência de satisfação e contentamento”.¹⁵ Com tão pouco a que recorrer, ele se sente vazio e enfrenta o futuro com letargia e depressão.

Numa visão quântica do ser, tanto a natureza do ser quanto seus compromissos interpessoais diferem radicalmente disso.

Em primeiro lugar, o ser quântico tem em termos sartrianos tanto essência quanto existência. Eu existo de fato enquanto pes-